

Atualidades na Clínica da Infância/Adolescência: fronteiras e desafios

Maria Alice Targa¹

Muito se tem falado, escrito e legislado em nome deste último período oficial de amadurecimento para a vida adulta. Depois desta etapa, se formos aprovados, existirão frutos a colher. Uns maduros, outros verdes, alguns dando sinal de que precisam cuidados especiais para atingirem o ponto. Esta plasticidade do ser humano aponta para que a esperança permaneça e que sempre brote uma proposta de investimento verdadeiro.

O que diz o boletim de um adolescente que foi aprovado no seu exaustivo trabalho externo e interno de crescer?

A avaliação dirá que estaremos diante de alguém com uma identidade pessoal, uma contextualização social comprometida, uma noção de autonomia subjetiva que consiste, minimamente em resolver situações simples, fazer planos, discriminar amizades, avaliar riscos...

E se houver uma reprovação?

Não existe, por si só, adolescência, nem adolescentes insuportáveis. Quando o caos se instala, nos sinaliza uma infância que não cumpriu sua tarefa, que não fez o tema de casa.

Qual a criança que nos demonstra que atingiu os objetivos que aprovam a vivência que dará suporte a uma adolescência tardia?

Uma pessoinha que, embora pouco autônoma, tem condições de separar-se, gradativamente, da mãe, com relativa segurança e o menos enredada possível em necessidades que são, muito mais dos adultos que a cercam do que, propriamente, dela.

A infância, quando bem assistida, alicerça adolescentes capazes de fazer bom uso de sua revolta. Esta, quase sempre, se dirige à necessidade de lançar o imprescindível contraditório em relação aos segredos familiares, as dívidas, as dúvidas, as desmentidas, as condutas de pais que exigem dos filhos posturas que não conseguem manter em suas próprias vidas.

¹ Psicóloga. Especialista em Crianças e Adolescentes, Saúde Pública e Psicologia Educacional. Diretora de Ensino do Contemporâneo: Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade.

Um adolescente bem cuidado, com limites claros e possíveis, com pais laborativos, com alternativas de lazer têm condições de administrar sua briga com o corpo novo (nem sempre o idealizado), com valores antigos, com a inquietude da sexualidade emergente, a desidealização dos adultos, a consciência de morte, das mazelas sociais... Este ser, saudavelmente, fascinado com a vida, não aceitará, sem questionar, a lenda de que todas as pessoas têm as mesmas chances e que as relações humanas são um tratado de respeito e de justiça!

Esta consciência dolorosa, bem como a desilusão sadia que a acompanha é esperada em uma adolescência normal. A inquietude, que a tantos causa incômodo, é o contraponto da alienação e da indiferença. A patologia, na adolescência, se aproxima muito mais do silêncio, da escuridão, do isolamento, da renúncia do que do confronto do barulho, da transgressão, do movimento, da ousadia protegida e calibrada por adultos responsáveis. Aqueles na infância abriram as portas, mediram a febre, saciaram a fome, protegeram do frio, inventaram histórias precisam agüentar serem substituídos, lenta e tumultuosamente, pelas novas aquisições emocionais que a vida apresenta.

Estes pais, se atentos e queridos, nunca perderão seu valor, seu poder de modelos, seu papel de transmissores da história familiar.

Os amigos são imprescindíveis na ampliação dos costumes. O grupo é imperativo para que o indivíduo possa multiplicar seu contexto, tornando-o único quanto a identidade e democrático quanto as diferenças.

A adolescência, então, põe na vida um cidadão com estrutura, história, cultura, sexualidade, deveres e direitos sociais, além de uma aspiração profissional formal ou intuitiva que o permita intervir na cultura e na sociedade.

Desistir deste circuito seria interromper um processo de desenvolvimento saudável que equivaleria a uma reprovação!

Para dar continuidade a este trabalho os pais confiam seus mais caros afetos a um ambiente chamado Escola que tem, como obrigação, facilitar este caminho. Se o mundo, lá fora mente – que a escola permaneça verdadeira! Se o dinheiro se tornou a única moeda de troca nas relações - que a escola invente outra, por exemplo: a competência! Se a família se rompe, levemente, que o núcleo escolar permaneça com suas leis e sua hierarquia.

A adolescência não termina com o fim do ensino médio. O curso formal se encerra, mas o processo de amadurecimento continua. O contraponto deste exercício interno tem sido um convite aos jovens de que permaneceram em um estado de descompromisso estendido, que alonga e infantiliza os convívios eternizando a dependência. A proposta de juvenilizar as pessoas – adultizando as crianças e adolescendo os adultos – tem produzido uma sociedade cada vez mais estreita, promovendo relações efêmeras e circunstanciais.

Filhos desta tendências borbulham nos bancos escolares, encontrando professores esgotados não conseguindo manter, dentro de critérios mínimos de convívio, uma quantidade enorme de crianças e adolescentes, sem a menor condição de construir juntos um recíproco projeto de vida. Para o que ensina e para o que aprende. Para o que forma e para o que é formado. Neste exercício tanático estarão reprovados – alunos e professores.

Fracasso de quem?

Família, escola e sociedade em um processo circular de inteiração precisam ter claro a relativização das responsabilidades para que não se estabeleça uma luta em busca de culpados ao invés do nobre exercício dialético que precisa confronto para crescer e não obstaculizar e excluir. O “status” da Escola deve ser retomado conscientizando-se, definitivamente, da sua importância na vida das pessoas.

No boletim da vida quem aprova e reprova somos nós mesmos. Ninguém pode retomar as rédeas da família, da escola, da sociedade senão que a família, a escola e a sociedade.

A lei internalizada se inaugura em casa. A escola fornece o ambiente de socialização onde se opera a instrução formal que, avaliada pedagogicamente, executa seu papel. Porém, é na relação humana que reside o conceito final que nos distingue como a única espécie que se modifica para além do estímulo-resposta! O que move o ser humano é uma intransferível história relacional, onde residem as mais caras inscrições de uma vida. Esta biografia afetiva, bem sucedida, tem como ponto máximo transformar as aquisições de concretas em abstratas, de vivências em símbolos, do boletim para a alma. Sem alarde, sem sirenes, sem luzes, nem pixações! Estas inscrições silenciosas são para sempre e pautam, eticamente, toda uma vida!